

# CAPÍTULO 1

## **EU NASCI INVISÍVEL.**

Não faço ideia de como aconteceu. Será que minha mãe foi ao hospital esperando que eu fosse apenas mais um bebê normal, visível? Ou será que acreditava na maldição, sabia o que ia acontecer e me deu à luz em segredo? É uma imagem muito estranha, até mesmo para mim: um bebê invisível, que nasceu neste mundo. Como será que foi aquele primeiro momento, quando fui levado até minha mãe e não havia nada para ver, só para sentir? Ela nunca me contou. Para ela, o passado era invisível assim como eu. E deixou escapar que existia uma maldição: palavras irritadas trocadas com meu pai, não para meus ouvidos. Mas foi só isso. Não havia outro “por quê”. Nem outro “como”. Havia apenas “o quê”, e isso era minha vida.

Invisível. Eu sou invisível.

Quero continuar perguntando aos meus pais o “por quê”. Quero continuar perguntando o “como”. Mas não posso mais, pois eles já se foram.

Meu pai me abandonou quando eu era pequeno. Foi demais pra ele.

Minha mãe aguentou o quanto pôde. Quinze anos. E então seu corpo cedeu. Um vaso sanguíneo no cérebro.

Faz quase um ano que estou sozinho.

Ninguém consegue me ver, por mais que eu me esforce. Posso ser tocado, mas é preciso me concentrar muito. E sempre posso ser ouvido,

se eu escolher falar. Essas, suponho, são as regras da maldição. Eu me acostumei a elas, mesmo sem compreendê-las. Quando era bebê, tinha peso naturalmente, mas quanto mais me tornava consciente, mais tinha de me concentrar para me pegarem no colo. Eu não evaporo (parte de mim ainda está aí, por isso não passo do chão nem atravesso paredes). Mas quanto a tocar — isso exige esforço. Não sou sólido para o mundo, mas o mundo é sólido para mim. A maldição é a própria teia, tecida de modo intrincado e, muitas vezes, contraditória, e foi nela que nasci. Inocente, sou um escravo de seus desígnios.

A cidade de Nova York é um lugar no qual é muito fácil ser invisível, desde que você tenha um pai ausente que contribua com sua conta bancária de vez em quando. Tudo: mantimentos, filmes, livros, mobília, pode ser comprado pela internet. O dinheiro nunca passa de uma mão a outra. Pacotes são deixados nas portas.

Fico muito tempo dentro de casa, mas nem sempre.

Moro a quatro quarteirões do Central Park e passo a maioria de minhas tardes ali. Foi onde resolvi viver minha vida sem rastros e sem sombra. Sou só mais um componente do espaço. Fico nas árvores, no ar, perto da água. Algumas vezes, me sento em um banco por horas a fio. Outras vezes, ando por aí. A todo instante, observo. Turistas e frequentadores. Passeadores de cachorro, que passam diariamente ao meio-dia em ponto. Grandes grupos de adolescentes, fazendo algazarra para chamar a atenção uns dos outros. Idosos que também ficam sentados e observam, como se tivessem todo o tempo do mundo, mas, bem no fundo, sabem que a verdade é o oposto. Eu observo todos eles. Ouço suas conversas, testemunho a intimidade. Nunca digo qualquer palavra. Eles estão mais conscientes da presença dos pássaros, dos esquilos, do vento.

Eu não existo. E, mesmo assim, existo.

Sinto saudade da minha mãe. Quando era pequeno, ela me ensinou a me concentrar, a me conceder um peso quando o instinto começava a falhar. Desse modo, ela ainda conseguia me carregar nas costas e dizer para eu me segurar. Ela queria que eu vivesse no mundo e não longe dele. E não tolerava nenhuma malcriação de minha parte: nem roubar, nem espiar, nem levar vantagem. Eu era amaldiçoado, mas isso não sig-

nificava amaldiçoar as outras pessoas. Era diferente, sim, mas não era menos humano que o restante. Por isso, precisava agir como um ser humano, mesmo quando eu não me sentia nem um pouco assim.

Ela me amava, e essa talvez fosse a coisa mais extraordinária de todas. Nunca houve a menor dúvida. E o que quero dizer é que havia muitas dúvidas, mas nenhuma delas tinha a ver com o amor.

Ela me ensinou a ler, embora precisasse virar as páginas na maioria das vezes. A escrever, mesmo que o simples ato de digitar no teclado pudesse me exaurir. A falar, quando apenas ela estava por perto. A ficar em silêncio, quando mais alguém estava por ali. Ela me ensinou ciências, matemática e história, e a cortar o cabelo e as unhas. E me contou histórias sobre o bairro, histórias de sua época. Sentia-se à vontade me falando sobre o século XVI ou sobre um programa que assistira na TV. O único período em branco era o ano do meu nascimento. Ou qualquer coisa imediatamente anterior. Ou imediatamente posterior.

Ela nunca contou a ninguém. E, por causa disso, também ficou solitária — solitária comigo. Tal mãe, tal filho. Havia algumas crianças no lugar onde cresci, mas apenas as conheci de tanto observá-las, de vê-las muitas vezes por aí. Em particular, as crianças do meu prédio. Alex, do 7A, foi quem ficou mais tempo — talvez eu me lembre dele primeiro por causa do cabelo ruivo, ou talvez pela regularidade de suas queixas. Aos 6 anos, ele queria os brinquedos mais modernos. Aos 16, quer ficar na rua até tarde, que os pais lhe deem mais dinheiro, e que *o deixem em paz*. Estou cansado dele, assim como estou cansado de Greta, do 6C, que sempre foi má, e de Sean, do 5C, que sempre foi calado. Acho que ele invejaria minha invisibilidade se soubesse que era possível. Mas como não sabe, fica com outras opções, invisibilidades mais voluntárias. Ele se esconde nos livros. Nunca olha nos olhos, por isso o mundo se torna indireto. Resmunga enquanto passa pela vida.

E então havia Ben, que se mudou. Ben, o único amigo que quase tive. Quando ele tinha 5 anos e eu, 10, ele resolveu ter um amigo imaginário. *Stuart*, foi o nome que lhe deu, e era parecido o suficiente com meu nome, Stephen, para eu aceitar brincar com isso. Ele me convidava para

o jantar, e eu aparecia. Ele fazia um gesto para segurar minha mão no parque, e eu a pegava. Ele me levava e falava de mim na “hora da novidade”, no jardim de infância, e eu ficava ali enquanto a professora cedia ao capricho, concordando com o que quer que Ben dissesse a meu respeito. A única coisa que eu não podia fazer era falar com ele, porque sabia que ouvir minha voz iria estragar a ilusão. Uma vez, quando eu sabia que ele não estava ouvindo, sussurrei seu nome. Só para ouvir como soava. Mas ele não percebeu. E quando completou 6 anos, me abandonou. Eu não podia culpá-lo. Ainda assim, fiquei triste quando ele se mudou.

Meus dias são muito parecidos uns com os outros. Acordo quando quero. E tomo banho, mesmo que seja difícil me sujar. Faço isso sobretudo para que possa me concentrar no fato de ter um corpo e, então, ter a sensação da água tocando minha pele. Tem algo de humano nessa experiência, uma comunhão com o normal da qual necessito todas as manhãs. Não preciso me enxugar; simplesmente desapareço, e a água que estava no meu corpo cai diretamente no chão. Volto para meu quarto e visto algumas roupas para me aquecer. Elas desaparecem assim que as ponho — outro dos detalhes mais refinados da maldição. Aí ligo uma música e leio durante algumas horas. Quase sempre como alguma coisa na hora do almoço — o feitiço também afeta qualquer coisa que eu ponha na boca, portanto, felizmente, não sou obrigado a testemunhar os efeitos de minha digestão. Quando termino de almoçar, sigo para o parque. Aperto o botão do elevador, então tenho de esperar no saguão até que o porteiro abra a porta para alguém e eu também possa sair. Ou, se ninguém estiver por perto, abro sozinho e presumo que, se alguém me flagrar, vai pôr a culpa na porta ou no vento. Escolho um banco no qual ninguém vai se sentar, ou porque os pássaros tomaram conta ou porque tem uma ripa faltando. Ou sigo meu caminho pelos Ramble. Meu reflexo não aparece nos lagos. Posso dançar com a música na concha acústica sem ninguém perceber. Junto aos lagos, posso dar um grito repentino, o qual faz os patos saltarem no ar. Quem passa não tem ideia do que aconteceu.

Volto para casa quando escurece e leio mais um pouco. Assisto a um pouco de televisão. Navego na internet. De novo, digitar é difícil

para mim. Mas, de vez em quando, com cuidado, formo minhas frases. Desse jeito posso participar da linguagem dos vivos. Posso conversar com estranhos. Posso deixar comentários. Posso oferecer minhas palavras quando são necessárias. Ninguém precisa saber que, do outro lado da tela, há mãos invisíveis digitando. Ninguém precisa conhecer minha verdade se eu puder lhes oferecer verdades muito menores em troca.

É assim que o tempo passa. Não vou à escola. Não tenho família. O senhorio sabe que minha mãe faleceu, pois precisei chamar a ambulância e fui obrigado a vê-la sendo levada, porém ele acredita que meu pai ainda esteja por aí. Verdade seja dita: ele nunca me renegou. Apenas não quer ter mais nada a ver comigo. Nem sei onde está. Para mim, ele é um endereço eletrônico. Um número de celular.

Quando minha mãe morreu, todos os “por quês” e os “comos” voltaram. O luto lhes deu gás. A incerteza me fez recuar. Pela primeira vez na vida, sem a proteção do seu amor, me senti verdadeiramente amaldiçoado. Eu tinha apenas duas opções: segui-la ou permanecer. Relutante, escolhi ficar. Mergulhei nas palavras de outras pessoas, no parque, em tecer um ninho para meu futuro além dos fios soltos que eu deixara em minha vida. Depois de algum tempo, parei de me perguntar sobre os “por quês”. Parei de questionar os “comos”. Parei de notar os “o quês”. Permaneceu simplesmente minha vida, e eu simplesmente a conduzo.

Sou como um fantasma que nunca morreu.

Começa no antigo apartamento de Ben, o 3B. Duas portas antes do meu apartamento, o 3D. A família de Ben foi embora quando eu tinha 12 anos. Desde então, o apartamento passou por três ondas de inquilinos. Os Crane eram um casal horrível que passava o tempo todo dizendo coisas horríveis um ao outro. Gostavam demais da própria crueldade para pedir o divórcio, mas não era legal morar perto deles. Os Tate tinham quatro filhos, e foi a chegada iminente do quinto que os fez perceber que um apartamento de dois quartos não ia servir. E Sukie Maxwell estava planejando ficar somente um ano em Nova York, pois tinha apenas um

ano para decorar o novo apartamento do cliente em Manhattan antes de partir para redecorar a casa do mesmo cliente, na França. Deixou uma marca tão pequena no meu universo que nem notei quando se mudou. Só quando vi o pessoal de uma transportadora trazendo um sofá antigo e gasto (um sofá que Sukie Maxwell nunca teria aprovado), é que eu soube que ela havia ido embora do nosso prédio e que uma nova família estava tomando seu lugar.

Passei pelo pessoal da empresa de mudanças e segui até o parque sem pensar muito naquilo. Em vez disso, me concentrei em Ivan, meu passeador de cães preferido, que está dando as voltas da tarde com Tigrão e Ió (um dachshund e um bassê, respectivamente). Pelas conversas com outros passeadores de cães, sei que Ivan veio da Rússia para Manhattan há três anos, e que está dividindo um quarto no Lower East Side com outros três russos que conheceu na internet. Não está dando muito certo, em especial porque Ivan está paquerando Karen, a babá que mora na casa dos membros mais jovens da família de Tigrão e Ió. Já os vi no parque, e acho que Karen e Ivan formariam um belo casal, só porque ele trata os cães com delicadeza e senso de humor e ela faz o mesmo com as crianças. Mas evidentemente está fora de questão Ivan passar a noite na casa dos patrões, e ele não quer levar Karen para conhecer os colegas de quarto problemáticos. É um impasse, e algumas vezes fico tão ansioso quanto Ivan para ver a solução.

Parece haver algum progresso hoje, porque cerca de dez minutos depois de Ivan chegar ao parque, Karen apareceu com as crianças. Eles parecem cientes da presença um do outro, mas ficam hesitantes com as crianças por perto. Acompanho enquanto se dirigem para a estátua de Alice no País das Maravilhas, então me aproximo quando as crianças os deixam para ir brincar. Agora são apenas Tigrão e Ió, e nem Karen nem Ivan dão o primeiro passo.

Não consigo me controlar. Eu me inclino, me concentro com força e empurro os dois cães em direções diferentes. Subitamente, eles estão correndo em círculos, e Ivan e Karen estão no meio das guias. São ligados um contra o outro e, ao passo que no início demonstram choque, é o tipo de choque que termina em sorrisos e gargalhadas. Os cães estão

latindo feito loucos; as crianças correm para ver o que aconteceu. Ivan e Karen estão apertados um contra o outro, tentando se desenrolar.

Também estou sorrindo. Não tenho ideia de como seria meu sorriso. Mas a sensação está aí.

Não há certeza de que a pequena faísca que dei a Ivan e Karen vá se tornar algo mais que um momento. Mesmo assim, eu me sinto bem ao voltar para o apartamento. Espero a Sra. Wylie (4A) entrar e corro pela porta atrás dela. Aí subimos juntos no elevador até o quarto andar, e aperto o botão do três na descida. Quando saio do elevador, tem uma garota em frente ao 3B segurando três sacolas da IKEA. Quando ela tateia e procura pela chave, todas as três caem no chão. Passo por ela com cuidado, depois aguardo perto da minha porta — não tem como eu tirar minha chave do esconderijo e abrir minha porta até que ela saia do corredor. Fico parado observando enquanto enfia dois suportes de livros e alguns porta-retratos baratos de volta em uma das sacolas. Ela está xingando a si ou às sacolas; não dá para dizer direito. Fico pensando em como Sukie Maxwell teria odiado objetos da IKEA em seu apartamento perfeito e não presto muita atenção quando a garota nova olha direto para o espaço em que me encontro.

— Você vai mesmo só ficar parado aí? — pergunta ela. — Acha isso engraçado?

Toda a eletricidade em meu corpo fica subitamente alerta, amplificada a um nível de consciência que eu nunca sentira. Dou meia-volta e olho para trás a fim de ver quem está ali.

Mas não tem ninguém.

— Ei, você — diz a garota.

Não consigo acreditar.

Ela me vê.